

DOI: <https://doi.org/10.58871/conaeti.v4.19>**EDUCAÇÃO E IMUNIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A CONSCIENTIZAÇÃO  
VACINAL DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM****EDUCATION AND IMMUNIZATION: REFLECTIONS ON VACCINATION  
AWARENESS AMONG NURSING STUDENTS****TALITA DA SILVA LIVRAMENTO SOUZA**

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Brasileira do Recôncavo (FBBR), Graduanda em Gestão Pública pelo Centro Universitário UNIFATECIE

**DANILO ALMEIDA BRITO**

Prof. Me. no Curso de Enfermagem da Faculdade Brasileira do Recôncavo (FBBR)

**FERNANDA DOS SANTOS NASCIMENTO**

Profª. Dra. no curso de Enfermagem da Faculdade Brasileira do Recôncavo (FBBR)

**MARIZA ALVES FERREIRA**

Profª. Dra. no curso de Enfermagem da Faculdade Brasileira do Recôncavo (FBBR)

**RESUMO**

**Objetivo:** Este estudo teve como objetivo avaliar as percepções, o nível de conhecimento e as atitudes dos graduandos em Enfermagem em relação à vacinação e seus mecanismos de ação, comparando-os com estudantes de outros cursos da mesma IES Instituição de Ensino Superior (IES). Além disso, buscou-se identificar as principais fontes de informação utilizadas pelos participantes e os fatores que influenciam a adesão às campanhas de imunização. **Metodologia:** A pesquisa foi realizada com 86 estudantes, sendo 43 do curso de Enfermagem e 43 de outros cursos, por meio de um questionário online aplicado durante uma campanha de vacinação em Cruz das Almas, Bahia. Os dados coletados incluíram histórico vacinal, nível de confiança nas vacinas, fontes de informação e conhecimento sobre imunizantes. A análise foi quantitativa, com resultados expressos em porcentagens. **Resultados e Discussão:** Os resultados mostraram que, embora os estudantes de Enfermagem apresentassem maior conhecimento teórico sobre vacinas, sua adesão à campanha foi baixa em comparação com a dos demais estudantes. A confiança nas vacinas mostrou-se semelhante entre os grupos. No entanto, foram identificadas lacunas no conhecimento sobre os mecanismos de ação dos imunizantes, especialmente em relação às vacinas de RNA e de subunidades do patógeno. Além disso, as redes sociais, como *Instagram* e *WhatsApp*, foram apontadas como as principais fontes de informação, o que levanta preocupações quanto à qualidade e confiabilidade dos dados consultados pelos estudantes. **Considerações Finais:** O estudo evidenciou a necessidade de alinhar teoria e prática na formação dos estudantes de Enfermagem, incentivando uma maior participação em campanhas de vacinação. Estratégias como integração curricular, flexibilização de horários e educação midiática são essenciais para fortalecer a adesão e combater a desinformação. A conscientização vacinal deve ser contínua e envolver tanto profissionais de saúde quanto a população em geral, garantindo altas coberturas vacinais e a proteção da saúde pública.

**Palavras-chave:** Imunopreveníveis; campanha vacinal; educação em saúde.

## ABSTRACT

**Objective:** This study aimed to evaluate the perceptions, level of knowledge, and attitudes of nursing students regarding vaccination and its mechanisms of action when compared to students from other programs at the same higher education institution (HEI). Additionally, the study sought to identify the main sources of information used by the participants and the factors influencing adherence to immunization campaigns. **Methodology:** The research was conducted with 86 students, including 43 nursing students and 43 from other programs, through an online questionnaire administered during a vaccination campaign in Cruz das Almas, Bahia. The collected data included vaccination history, vaccine confidence, sources of information, and knowledge about immunization. The analysis was quantitative, with results expressed in percentages. **Results and Discussion:** The results showed that, although nursing students had greater theoretical knowledge about vaccines, their participation in the campaign was low compared to students from other programs. Confidence in vaccines was similar across groups, with a strong level of trust. However, gaps in knowledge regarding the mechanisms of action were evident, particularly concerning RNA and subunit vaccines. Social media platforms, such as Instagram and WhatsApp, were the primary sources of information, raising concerns about the quality of the data consumed. **Final Considerations:** The study highlighted the need to align theory and practice in nursing education, encouraging greater participation in vaccination campaigns. Strategies such as curricular integration, flexible schedules, and media education are essential to strengthen adherence and combat misinformation. Vaccination awareness should be continuous, involving healthcare professionals and the population to ensure high vaccination coverage and protect public health.

**Keywords:** Vaccine-preventable; vaccination campaign; health education.

## 1 INTRODUÇÃO

A imunização é reconhecida como uma das intervenções mais eficazes na prevenção de doenças infecciosas, trata-se da ação essencial na redução da morbimortalidade em escala global. No entanto, o sucesso das campanhas de vacinação não depende apenas da criação e disponibilidade de vacinas, mas também da confiança e da adesão da população às campanhas de vacinação. Nesse cenário, os profissionais de saúde, em especial a equipe de enfermagem, possui um papel essencial como educadores e promotores da saúde, sendo um dos responsáveis por disseminar informações precisas e científicas sobre a importância da vacinação.

Nos últimos anos, entretanto, observa-se um fenômeno preocupante: o crescimento das hesitações vacinais, impulsionado pela disseminação de informações equivocadas e pela desconfiança em relação aos benefícios e à segurança das vacinas. Essa hesitação não se limita à população em geral, mas também atinge alguns profissionais de saúde, que, ao expressarem dúvidas ou resistências, podem transmitir mensagens contraditórias e errôneas, influenciando negativamente a percepção pública sobre a imunização (Sato, 2018). Esse cenário contrasta com os avanços históricos alcançados pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI), que ampliou o acesso às vacinas e consolidou estratégias para enfrentar barreiras logísticas e culturais,

permitindo a erradicação da poliomielite e o controle de outras doenças imunopreveníveis. Contudo, desafios persistem, especialmente diante da queda nas coberturas vacinais observada nos últimos anos.

Fatores como a disseminação de desinformação, o impacto de movimentos antivacina e a percepção equivocada de que determinadas doenças não representam mais uma ameaça comprometem a adesão da população às campanhas de imunização (Mizuta *et al.*, 2019). Além disso, a confiança no sistema de saúde pode ser abalada por falhas na organização das campanhas, divulgação de notícias falsas, dificuldades de acesso aos serviços de vacinação e crises na gestão pública, impactando diretamente a aceitação das vacinas (Costa *et al.*, 2020; Carvalho *et al.*, 2023).

A vacinação é uma das estratégias mais eficazes para prevenir doenças e controlar epidemias, mas alcançar altas coberturas vacinais ainda é um desafio complexo, influenciado por fatores socioculturais, econômicos e estruturais. Como destacam Costa *et al.* (2020), a conscientização da população é uma estratégia essencial nesse processo, pois a disseminação de informações incorretas, especialmente nas redes sociais, tem ampliado a hesitação vacinal. Essa desconfiança em relação à segurança e à eficácia das vacinas ameaça os avanços conquistados na saúde pública, exigindo esforços contínuos para combater a desinformação e fortalecer a confiança nas práticas de imunização.

O *Strategic Advisory Group of Experts on Immunization* (SAGE), grupo da Organização Mundial da Saúde (OMS), define o fenômeno da hesitação vacinal como o atraso ou recusa da vacinação, apesar da disponibilidade desse serviço. É considerado um evento complexo e específico de um contexto que pode variar segundo o tempo, a vacina e o local. Esse grupo de especialistas propôs um modelo para análise da hesitação vacinal intitulado de “3Cs”: complacência (não perceber as doenças como de alto risco e vacinação como necessária); confiança (falta de confiança na segurança e eficácia das vacinas); e conveniência (disponibilidade física, acessibilidade geográfica, capacidade de compreensão e qualidade dos serviços de imunização) (Fidelis *et al.*, 2024, p.02).

Um exemplo preocupante dessa hesitação ocorre entre os próprios profissionais de saúde, grupo prioritário para a vacinação. Estudos internacionais e nacionais apontam que a cobertura vacinal contra a influenza entre trabalhadores da saúde frequentemente é baixa, o que pode levar a consequências graves, como o aumento de casos da doença, absenteísmo e até a transmissão para pacientes vulneráveis Souza *et al.* (2019). No Brasil, embora a vacinação contra a influenza seja recomendada para todos os profissionais da saúde, ainda há uma lacuna de pesquisas que investigam os fatores associados à baixa adesão neste grupo. Identificar esses

fatores, conforme sugerem Costa et al. (2020), é essencial para desenvolver estratégias eficazes que promovam a imunização entre os trabalhadores da saúde, garantindo não apenas a proteção individual, mas também a segurança dos pacientes e o funcionamento adequado dos serviços de saúde.

Os profissionais de saúde desempenham um papel fundamental na promoção da adesão à vacinação, uma vez que suas recomendações e atitudes influenciam diretamente a decisão dos usuários dos serviços de saúde. Estudos indicam que a confiança dos profissionais em sua capacidade de comunicar os riscos e benefícios das vacinas, aliada ao conhecimento sobre a segurança e eficácia dos imunobiológicos, é crucial para que se sintam seguros ao recomendar a imunização. Além disso, fatores como o apoio dos colegas, o endosso da sociedade e a receptividade dos pacientes ou cuidadores também impactam sua disposição em promover as vacinas (Fidelis *et al.* 2024). No entanto, essa influência positiva depende, em grande parte, do próprio comportamento e das atitudes dos profissionais em relação à vacinação, o que reforça a necessidade de uma formação sólida e atualizada sobre o tema.

No Brasil, embora as campanhas de imunização sejam amplamente acessíveis e reconhecidas por sua eficácia, a decisão de vacinar-se permanece atrelada a múltiplos fatores que refletem tanto percepções e experiências individuais quanto o contexto histórico e político do país. Essa complexidade exige uma análise abrangente, considerando desde políticas públicas e estratégias de comunicação até fatores intrínsecos ao comportamento humano, que podem tanto favorecer quanto dificultar o alcance das coberturas vacinais ideais. Assim, os desafios para alcançar altas taxas de vacinação vão além da simples oferta de imunobiológicos, envolvendo aspectos como a estrutura do sistema de saúde, a logística de distribuição e as influências culturais e sociais que moldam a percepção das pessoas sobre as vacinas. Dessa forma, superar essas barreiras requer não apenas investimentos em infraestrutura e acessibilidade, mas também esforços direcionados à educação da população, ao fortalecimento da confiança no sistema de saúde e à implementação de estratégias eficazes para combater a desinformação e os mitos que ainda persistem sobre a vacinação.

Assim, acredita-se que esse cenário de baixa vacinação entre adultos, especialmente considerando aqui que se trata de trabalhadores da saúde, deve colocar em pauta a necessidade de intervenções específicas de incentivo à vacinação para esse grupo, bem como incentivar investigação dos fatores, com destaque para aspectos culturais, sociais e econômicos, que possam dificultar ou contribuir para a aceitação ou o baixo cumprimento do calendário previsto para o grupo de adultos (Araújo; Souza; Pinho, 2019, p. 19).

A confiança no sistema de saúde é um fator determinante para a adesão às campanhas de vacinação, podendo ser comprometida por uma combinação de elementos, como escândalos na gestão pública, falhas na organização ou execução das campanhas e a disseminação de desinformação (Brown *et al.*, 2018). Quando essa confiança é abalada, a população tende a se sentir insegura em relação à eficácia e à segurança das vacinas, prejudicando o alcance de coberturas vacinais adequadas. Diante desse cenário, torna-se essencial o empenho contínuo dos profissionais de saúde na promoção de informações claras, acessíveis e cientificamente embasadas, a fim de combater a resistência vacinal e fortalecer a confiança da sociedade na imunização (Lima; Pinto, 2017).

A relevância desse estudo reside na necessidade de compreender como a hesitação vacinal entre os próprios estudantes de saúde pode comprometer a eficácia das campanhas de imunização, especialmente quando esses futuros profissionais reproduzem informações incorretas ou demonstram insegurança ao abordar o tema. Ao explorar essas questões, o estudo busca contribuir para a reflexão sobre a formação acadêmica e a responsabilidade dos enfermeiros como agentes de mudança, capazes de fortalecer a confiança da população nas práticas de imunização e, conseqüentemente, na saúde pública. Ao integrar os temas educação e imunização, este trabalho visa não apenas destacar a importância da conscientização vacinal, mas também alertar para os riscos da desinformação e da hesitação, especialmente quando propagadas por aqueles que deveriam ser os principais defensores da ciência e da saúde coletiva.

## 2 METODOLOGIA

O estudo foi conduzido em conformidade com as diretrizes éticas estabelecidas pela Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo dispensado de análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme previsto no artigo 2º, inciso XIV, devido à utilização de questionários anônimos, sem identificação ou risco para os participantes.

A coleta de dados ocorreu durante uma ação de vacinação promovida pela Secretaria de Saúde de Cruz das Almas, na Bahia, em parceria com uma instituição de ensino superior (IES) local. Para a isso, foi disponibilizado um formulário online via *Google Forms*, acessado pelos participantes por meio de um *QR code* durante o evento. O questionário foi composto por perguntas fechadas, abordando aspectos como o histórico vacinal dos estudantes, sua percepção

sobre a segurança e eficácia das vacinas, as fontes de informação utilizadas e o nível de conhecimento sobre os imunizantes oferecidos no SUS.

A pesquisa contou com a participação voluntária de 86 estudantes, 43 do curso de enfermagem e 43 dos demais cursos, garantindo o anonimato das respostas. Os dados coletados incluíram informações sobre adesão à vacinação, a recordação de vacinas recebidas, a confiança nas vacinas (medida em uma escala de 1 a 5), as principais fontes de informação, a percepção sobre a importância de completar os esquemas vacinais em diferentes idades e sexo.

Após a coleta, as respostas foram analisadas quantitativamente, com a apresentação dos dados em forma de porcentagens, facilitando a identificação de padrões e tendências. Do ponto de vista ético, todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos do estudo e deram seu consentimento voluntário, garantindo-se o sigilo e a confidencialidade das informações.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este estudo avaliou as percepções, o nível de conhecimento e as atitudes dos graduandos em Enfermagem sobre a vacinação e seus mecanismos de ação, comparando-os com estudantes de outros cursos da mesma Instituição de Ensino Superior (IES). Além disso, foram identificadas as principais fontes de informação utilizadas pelos participantes e os fatores que influenciam a adesão às campanhas de imunização. O perfil demográfico de dois grupos distintos: estudantes dos demais cursos da IES e estudantes de enfermagem. No grupo de estudantes em geral, a média de idade foi de 23,5 anos, com uma variação entre 17 e 47 anos, enquanto no grupo de estudantes de enfermagem, a maioria concentrou-se na faixa etária de 18 a 29 anos, com uma média de idade próxima aos 23 anos. Em relação à distribuição por sexo, observou-se uma predominância feminina em ambos os grupos, com 79,41% de mulheres entre os estudantes em geral e 75,3% entre os estudantes de enfermagem.

A adesão à vacinação no dia da campanha revelou um cenário preocupante, especialmente quando consideramos o papel dos estudantes de Enfermagem como futuros profissionais de saúde e multiplicadores da confiança na imunização. Apenas 17,5% dos estudantes de Enfermagem compareceram para receber as vacinas disponibilizadas -que incluíam tanto as doses da campanha quanto aquelas destinadas à atualização do calendário vacinal, enquanto, entre os estudantes de outros cursos, a adesão foi mais expressiva, atingindo 35,29% p. Esse resultado pode impactar indiretamente a percepção da vacinação no ambiente acadêmico, uma vez que a baixa participação dos graduandos em Enfermagem pode ser

interpretada como uma falta de confiança ou de prioridade em relação à imunização, justamente por aqueles que deveriam atuar como referência nesse tema (Araújo, Souza e Pinho, 2019).

Embora, os estudantes de Enfermagem tenham demonstrado maior conhecimento teórico e confiança nas vacinas, a não participação na campanha pode transmitir uma mensagem contraditória, enfraquecendo a credibilidade da imunização entre seus pares. Esse achado reforça a necessidade de alinhar o discurso à prática, incentivando os futuros profissionais a participarem ativamente das campanhas de vacinação, não apenas para sua própria proteção, mas também para fortalecer a confiança da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo. Estratégias como a integração das campanhas de vacinação às atividades curriculares ou a oferta de horários flexíveis poderiam contribuir para aumentar a adesão desse grupo, reforçando seu papel como agentes de promoção de saúde e da imunização (Araújo, Souza e Pinho, 2019).

A análise da confiança nas vacinas entre os estudantes do curso de Enfermagem e dos demais cursos revelou dados relevantes. Entre os graduandos de Enfermagem, a maioria dos estudantes (35%) afirmou confiar totalmente nas vacinas, atribuindo nota 5 em uma escala de 1 a 5. Outros 27,5% relataram confiar parcialmente (nota 4), enquanto 25% se mostraram neutros (nota 3). Apenas 12,5% dos estudantes de Enfermagem apresentaram algum nível de desconfiança, sendo 7,5% com nota 2 (desconfio parcialmente) e 5% com nota 1 (desconfio totalmente). Curiosamente, a distribuição entre os estudantes dos demais curso foi idêntica: 35% confiam totalmente (nota 5), 27,5% confiam parcialmente, 25% são neutros, 7,5% desconfiam parcialmente e 5% desconfiam totalmente. Esses resultados sugerem que, embora a formação em Enfermagem possa fornecer embasamento técnico sobre vacinas, a percepção geral sobre o tema não se diferencia significativamente entre os grupos. Isso indica a necessidade de campanhas mais direcionadas e persuasivas, tanto para estudantes da área da saúde quanto para aqueles de outras áreas, a fim de fortalecer para aumentara conscientização e a motivação para a imunização (Brown, *et al.*, 2018; Moraes *et al.*, 2018).

A avaliação do nível de conhecimento dos estudantes sobre os mecanismos de ação das vacinas revelaram diferenças significativas entre os cursos analisados. Entre os estudantes de Enfermagem, 20% afirmaram possuir um conhecimento aprofundado sobre o tema, enquanto 30% relataram ter um conhecimento geral, 40% conhecem pouco e 10% declararam não possuir familiaridade com o assunto. Já entre os estudantes dos demais cursos, 15% relataram conhecer bastante, 35% têm um conhecimento geral, 40% conhecem pouco e 10% não têm familiaridade com o assunto. A análise específica por tipo de vacina mostrou que os estudantes de outros cursos apresentam um conhecimento mais limitado, especialmente em relação a vacinas com

RNA e subunidades, onde 25% afirmaram não conhecer esses mecanismos. Para vírus inativado, 15% conhecem bastante, enquanto para vírus atenuado, esse percentual cai para 10%. Esses dados indicam que, embora os estudantes de Enfermagem apresentem um conhecimento ligeiramente superior, há uma lacuna significativa no entendimento sobre os mecanismos de ação das vacinas em ambos os grupos. Esse dado ressalta a necessidade de estratégias educativas mais eficazes para ampliar a compreensão dos mecanismos de ação das vacinas, especialmente entre a população jovem e estudantes da área da saúde (Mizuta *et al.*, 2019).

A percepção sobre a importância de completar o esquema vacinal também apresentou diferenças entre os dois grupos analisados. Entre os estudantes de Enfermagem, a maioria considerou a vacinação essencial em todas as faixas etárias, com percentuais que variaram de 57,5% para adolescentes de 11 a 15 anos a 67,5% com idosos com 60 anos ou mais. Para crianças de 0-6 anos, 62,5% classificaram a vacinação como muito importante, enquanto os demais 37,5% a consideraram importante. Nenhum participante desse grupo avaliou a imunização como pouco importante.

Já entre os estudantes de outros cursos, a percepção da importância da vacinação foi ainda mais elevada. Para crianças de 0-6 anos, 76,47% consideram muito importante, e 23,53% acham importante. Esse padrão se repetiu para todas as faixas etárias, com percentuais de "muito importante" variando entre 73,53% (adultos de 18-30 anos e 31-59 anos) e 76,47% (crianças, adolescentes e idosos). Assim como entre os estudantes de Enfermagem, nenhum dos demais estudantes classificaram a vacinação como "pouco importante". Esses resultados mostram que, embora ambos os grupos reconheçam a importância da vacinação, os estudantes de outros cursos demonstraram uma percepção ligeiramente mais positiva em relação ao tema. Isso pode estar relacionado ao fato de que, para os estudantes de Enfermagem, a vacinação é um tema mais técnico e complexo, o que pode levar a uma avaliação mais crítica. Por outro lado, os demais estudantes podem ter uma visão mais simplificada e direta sobre os benefícios da imunização. Esses dados reforçam a necessidade de promover uma compreensão mais ampla e crítica sobre a vacinação, especialmente entre os futuros profissionais de saúde, para que possam atuar como multiplicadores de confiança e conscientização na sociedade (Fidelis *et al.* 2024).

A análise das fontes de informação sobre vacinas utilizadas pelos estudantes de Enfermagem e dos demais cursos levantou questionamentos sobre a priorização de redes sociais em detrimento de meios científicos como fonte de informação. Entre os estudantes de Enfermagem, o *Instagram* foi a plataforma mais citada, com 45% afirmando que às vezes buscam informações sobre vacinas nessa rede social e 15% relatando que sempre o fazem. O

*WhatsApp* também se destacou, com 45% utilizando às vezes e 20% sempre. Esses dados chamam a atenção, pois, embora sejam futuros profissionais de saúde, os estudantes de Enfermagem parecem depender significativamente de redes sociais para se informar, em vez de priorizar fontes científicas ou materiais oficiais, como os folhetos do Ministério da Saúde, que foram consultados às vezes por apenas 40% e sempre por 15% desse grupo. Além disso, plataformas como *Facebook* e *TikTok* foram amplamente ignoradas, com 75% e 65% dos estudantes, respectivamente, afirmando nunca buscar informações sobre vacinas nesses canais.

Entre os demais cursos, o padrão de uso de redes sociais foi semelhante, com o *Instagram* sendo utilizado às vezes por 47,06% e sempre por 20,59%, e o *WhatsApp* sendo a principal fonte de informação para 35,29% dos estudantes. No entanto, os demais cursos mostraram um uso mais frequente de fontes tradicionais, como o telejornal, com 32,35% relatando que sempre se informam por meio dele. Ainda assim, plataformas como *YouTube* e *TikTok* foram pouco utilizadas, com percentuais de "nunca" variando entre 64,71% e 67,65%.

Esses resultados levantam dúvidas sobre a qualidade e a confiabilidade das informações consumidas pelos estudantes, especialmente os de Enfermagem, que, como futuros profissionais de saúde, deveriam priorizar fontes científicas e oficiais. A preferência por redes sociais como *Instagram* e *WhatsApp*, embora compreensível pela facilidade de acesso, pode expor os estudantes a informações desatualizadas ou imprecisas, comprometendo seu conhecimento e sua capacidade de atuar como multiplicadores de confiança na vacinação. Esses dados reforçam a necessidade de incentivar o uso de fontes confiáveis e científicas, além de promover campanhas de educação midiática para ajudar os estudantes a discernir entre informações de qualidade e desinformação (Mizuta *et al.*, 2019; Carvalho *et al.*, 2025).

Este estudo evidenciou que, embora os estudantes de Enfermagem demonstrem um nível de conhecimento teórico superior sobre os mecanismos de ação das vacinas e sua importância, há uma lacuna preocupante entre o discurso e a prática, especialmente no que diz respeito à adesão às campanhas de vacinação. A baixa participação dos graduandos em Enfermagem no dia da campanha (17,5%) pode enviar um sinal contraditório aos demais estudantes, que, apesar de apresentarem uma percepção mais positiva sobre a importância da vacinação, também dependem significativamente de redes sociais para se informar, em vez de fontes científicas ou materiais oficiais. Essa discrepância ressalta a necessidade de alinhar a formação teórica com a prática, incentivando os futuros profissionais de saúde a participarem ativamente das campanhas de imunização e a atuarem como multiplicadores de confiança na sociedade. O uso de estratégias como a integração das campanhas de vacinação às atividades

curriculares, a oferta de horários flexíveis e a promoção de educação midiática podem ser fundamentais para fortalecer a adesão e a conscientização sobre a importância da imunização.

Além disso, os resultados destacam a importância de campanhas educativas mais eficazes e direcionadas, tanto para os estudantes de Enfermagem quanto para os demais cursos, a fim de ampliar o conhecimento sobre os mecanismos de ação das vacinas e combater a desinformação. A preferência por redes sociais como *Instagram* e *WhatsApp*, embora reflita a realidade do consumo de informação entre os jovens, exige atenção, pois pode expor os estudantes a conteúdos imprecisos ou desatualizados. Portanto, é essencial promover o uso de fontes confiáveis e científicas, além de fortalecer a comunicação entre instituições de saúde e a comunidade acadêmica. Ao investir em estratégias que unam teoria, prática e educação midiática, será possível não apenas aumentar a adesão às campanhas de vacinação, mas também fortalecer a confiança da sociedade nas vacinas, contribuindo para a promoção da saúde pública e a prevenção de doenças.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível comprovar que os estudantes de Enfermagem apresentam um conhecimento teórico substancial acerca da importância da vacinação, porém persistem desafios quanto à adesão da imunização. A baixa participação dos graduandos em Enfermagem nas campanhas vacinais quando comparados aos demais cursos aponta para a necessidade de desenvolver estratégias que integrem a temática da vacinação de forma mais contundente ao cotidiano acadêmico na área da saúde, enfatizando seu protagonismo enquanto multiplicadores de confiança na saúde pública.

Os resultados indicaram que a principal fonte de informação sobre vacinas para os estudantes são as redes sociais, o que os coloca em risco de serem expostos a conteúdos desatualizados ou imprecisos. Este cenário reforça a urgência de uma reestruturação nos currículos acadêmicos, com ênfase no fortalecimento do ensino sobre imunização, além da promoção do uso de fontes científicas e oficiais, garantindo que os futuros profissionais de saúde estejam adequadamente preparados para orientar a população com informações fidedignas e respaldadas por evidências.

Conclui-se, portanto, que a superação das barreiras à vacinação exige uma abordagem intersetorial que combine educação em saúde, políticas públicas eficazes e estratégias robustas de combate à desinformação. O fortalecimento da confiança no sistema de saúde e a ampliação da conscientização sobre a relevância da imunização são fundamentais para assegurar altas

coberturas vacinais, o que, por sua vez, contribui para a proteção coletiva contra doenças imunopreveníveis.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M. SOUZA, F. O. PINHO, P. DE S. **Vacinação e fatores associados entre trabalhadores da saúde.** Cadernos de Saúde Pública, v. 35, n. 4, p. e00169618, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00169618>. Acesso em: 04 mar. 2025.

BROWN, A. L. et al. **Vaccine confidence and hesitancy in Brazil.** Cad. Saúde Pública, v. 34, n. 9, p. 1-12, 2018. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00011618>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

COSTA, B.B. et al. **O movimento antivacina YouTube nos tempos de pós-verdade: Educação em saúde ou desinformação?** Rev. Mídia e Cotidiano, v. 14, n. 1, p. 220-239, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38210/23450>. Acesso em: 07 jan. 2025.

FIDELIS, R. V. et al. **Hesitação vacinal entre profissionais de saúde em hospital universitário.** Acta Paulista de Enfermagem, v. 37, p. eAPE01393, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2024AO000013940>. Acesso em: 04 mar. 2025.

LIMA, A. A; PINTO, E. S. **O contexto histórico da implantação do Programa Nacional de Imunização (PNI) e sua importância para o Sistema Único de Saúde (SUS).** Scire Salutis, v. 7, n. 1, p. 53-62, 2017. <http://doi.org/10.6008/SPC2236-9600.2017.001.0005>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

CARVALHO, E. M. et al. **Esfera pública digital e atores sociais que pautaram as discussões sobre vacinas no Instagram e Facebook no Brasil durante a pandemia de COVID-19 (2020-2021).** Journal Observatório (OBS), v. 17, n. 3, p. 194 – 2016, 2023. <https://doi.org/10.15847/obsOBS17320232262>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

MIZUTA, A. H. et al. **Percepções acerca da importância das vacinas e da recusa vacinal numa escola de medicina.** Rev. Paul. Pediatr., v. 37, n. 1, p. 34–40, 2019. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2019;37;1;00008>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

MORAES, L. R. et al. **Adverse events of vaccines and the consequences of non-vaccination: a critical review.** Rev. Saúde Públ., São Paulo, v. 52, p. 40, 2018. <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.201805200038>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

SATO, A. P. A. **What is the importance of vaccine hesitancy in the drop of vaccination coverage in Brazil?** Rev. Saúde Públ., v. 52, n. 96, 2018. <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2018052001199>. Acesso em: 04 de mar. 2025.

SOUZA, T. P. et al. **Fatores associados à aceitação da vacina influenza entre trabalhadores de saúde: conhecimento, atitude e prática.** Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 24, n. 8.pp. 3147-3158, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.21912017>. Acesso em: 04 de mar. 2025.